

}3.3

Que posso, que sei eu dizer do Zé Rodrigues?

Para falar do artista plástico não sou rigorosamente ninguém. Só posso dizer que, no plano sensitivo, gosto, que me comoveram muitas das muitas mais obras que ele já fez e vai fazendo; e que tive a sorte de as desfrutar. A mais não me sinto autorizado.

Para falar de um homem generoso e solidário? Mas valerá a pena? Não o sabemos já? Há por aí alguém nas artes e nas letras, sobretudo no Norte, a quem o "Zé" não tenha dado uma "borla" ou feito um "jeito" muito especial? Um desenho para um livro, uma serigrafia para uma instituição, um quadro para ser leiloado, uma cenografia por pagar, a abertura da Fundação para um evento? Eu também tenho coisas a agradecer. Mais do que uma, mais do que duas, mais do que três...

Quis o destino – às vezes a vida tem destes caprichos inexplicáveis e inexplicados – que nunca acontecesse o Zé Rodrigues fazer cenários para uma encenação minha. Não porque ele me negasse certamente, não porque o não quisesse eu! Aconteceu apenas.

Mas talvez nesse campo – e até por isso – possa acrescentar nesse capítulo duas ou três coisas. Provavelmente sem ser novidade para ninguém, mas que ficam registadas de forma e por pessoa insuspeita.

Quase todos os cenários que eu vi do José Rodrigues – e não vi todos, mas vi perto disso – eram sobretudo arquitecturas ou esculturas cénicas. Bastava pô-los ali, no palco, abrir o pano, iluminá-los e podíamos ficar a contemplá-los como obra por si. Sem texto, pelo objecto em si; ou em referência a um texto que fosse conhecido, mas nem estivesse a ser representado.

É claro que essa não é a função de um cenário, mas também não digo o contrário. Que enquanto cenário essa "estatuária cénica" não servisse a intenção da encenação. Serviu e serviu bem, muitíssimas vezes.

Mas estou a dizer, isso sim, que algumas vezes, de facto, o que restava desta ou daquela criação teatral era o cenário que disfarçava a ausência de uma dramaturgia: esse cenário, arte plástica criadora e criativa de José Rodrigues, às vezes estimulava e ele próprio, o cenário implantado e utilizado, saía revalorizado por interpretações brilhantes em brilhantes encenações, como é o caso (mais "famoso" pela polémica que na altura deu) de "A Casa de Bernarda Alba" no TEP. Mas outras vezes o esforço do cenário tinha era que superar interpretações que se não tivessem aquele espaço paras as personagens se moverem e em que se recortar, nem existiam de todo, como nem conceito ou leitura de um fio para encenação existia tão pouco. Mas destas manda a boa educação que não dê nenhum exemplo...

Afinal o que quero dizer é que, num e noutro caso, os cenários (ou quase todos – porque também não é verdadeiramente artista o que não arrisca e às vezes falha) não deixavam de poder serem por si e em si objecto de arte eles mesmos. Sem espalhafato e com muito de artesão, mãos na massa a dar forma ao sublime da ideia. Com toda a simplicidade e o sorriso afável de quem está no recreio a brincar com os amigos.

Mas seria de esperar outra coisa do talento de Mestre José Rodrigues? Seria de esperar outra coisa do bom companheiro Zé Rodrigues?

Castro Guedes, Encenador